

CARLA PATRÃO, DINA SOEIRO & SÍLVIA PARREIRAL

cpatrao@esec.pt; disoeiro@esec.pt; scruzp@esec.pt

CISUC, UNIVERSIDADE DE COIMBRA E ESEC, INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA, PORTUGAL | ESEC, INSTITUTO POLITÉCNICO DE
COIMBRA, PORTUGAL | CEIS20, UNIVERSIDADE DE COIMBRA E
ESEC, INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA, PORTUGAL

"TECLAS PRÁ VIDA": A TRANSFORMAR JANELAS EM REALIDADES INCLUSIVAS

RESUMO

O desafio da inclusão das pessoas mais velhas na realidade digital levou-nos a apresentar algumas experiências vivenciadas pelos participantes nas oficinas "Teclas Prá Vida". Estas oficinas de alfabetização digital integram-se num projeto vocacionado para a promoção das literacias, o "Letras Prá Vida". Descrevemos como é desenvolvida a literacia digital crítica, ao longo das sessões das oficinas, e partilhamos alguns dados decorrentes da participação das pessoas na ação nacional "7 Dias com os *Media*", uma iniciativa do Grupo Informal sobre Literacia para os *Media*, que visa a promoção da literacia crítica com e para os *media*.

Seguindo uma metodologia qualitativa de investigação-ação participativa, as oficinas de alfabetização baseiam-se numa abordagem de educação de adultos não formal, com planificações e avaliações flexíveis e participadas, usando a música, a poesia, a literatura e a tecnologia como meios de promoção das várias literacias. Valoriza-se a literacia da vida dos participantes, sendo os afetos uma constante. No final de cada sessão, a equipa reúne, reflete, partilha, avalia e produz o relatório crítico. Entre os resultados, consideram-se as várias literacias que o projeto promove e, no âmbito da literacia digital crítica, destacamos a pertinência dos participantes aprenderem a avaliar a credibilidade e a fiabilidade da informação e das suas fontes, com preocupação pela proteção e questões éticas. Assim, os participantes tornam-se capazes de tirar benefício pessoal e social do uso das tecnologias, assumindo-se como cidadãos ativos. Inspirados na ideia de Sydney Harris (1985) de que o propósito da educação é transformar espelhos em janelas, sugerimos a proposta de transformar *janelas* em realidades inclusivas. Não é a imagem do "velhinho à janela", a observar o presente e o futuro a ser construído, mas da pessoa mais velha a construir a paisagem, no presente e para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE

alfabetização de adultos; desinformação; ética; literacia digital crítica;
notícias falsas

1. INTRODUÇÃO

Apresentamos uma proposta integrada no desafio lançado pela organização do "V Congresso Literacia, *Media* e Cidadania – Tecnologia, Desinformação e Ética", "o futuro deve ser inventado por todos pois é demasiado importante para ser deixado ao acaso!"¹ Nesses todos estão os mais velhos que, segundo o *Guia de Implementação para a Estratégia de Competências para Portugal*, correm o risco de ficar para trás: "a população está a envelhecer e o desnível de competências entre os jovens com formação e os adultos mais velhos está a aumentar" (OECD, 2018, p. 15). Há por isso a necessidade de se criarem medidas e programas capazes de diminuir as desigualdades, considerando os mais velhos entre aqueles relativamente aos quais se precisa aumentar a literacia digital e para os quais apenas se tem verificado iniciativas dispersas, comparativamente às oferecidas a crianças e jovens (Petrella, Pinto & Pereira, 2014).

É neste cenário que é criada uma resposta educativa não formal, as oficinas "Teclas Prá Vida", dirigidas às pessoas mais velhas, com o objetivo de promover a literacia digital crítica.

Mais do que aprender a usar o computador, o telemóvel, a internet ou as redes sociais, as oficinas "Teclas Prá Vida" convidam os participantes a olhar as novas tecnologias não só enquanto consumidores, mas também como produtores críticos, numa perspetiva que ultrapassa a visão utilitária. Partindo das necessidades específicas que motivam as pessoas a participar, é desenvolvido um sentido crítico, de utilização responsável, consciente e segura das tecnologias.

No relatório *Digital Literacy and Education – Report by country: Portugal* (Brites & Jorge, 2017), são destacados o direito ao acesso, à participação e à segurança na internet e recomenda-se desenvolver um trabalho no sentido de combater as desigualdades sociais, de género e sociais.

Indo ao encontro destes desafios, estas oficinas integram-se num projeto vocacionado para a promoção das literacias, o "Letras Prá Vida", que desenvolve este trabalho, desde 2015, em diversos contextos da Região Centro de Portugal, com a colaboração de 20 parceiros, como associações, autarquias, IPSS e empresas, sob a coordenação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Este projeto envolve cerca de 180 participantes, com idades entre os 20 e os 95 anos, com diferentes níveis de literacia, e mais de 30 dinamizadores, estudantes e voluntários de várias áreas disciplinares entre as quais:

¹ Retirado de <http://www.congressolmc.pt/index.php/apresentacao-2/>

Gerontologia Social, Animação Socioeducativa, Educação de Adultos e Comunicação Social, entre outras. A multidisciplinariedade da equipa permite abordagens complementares facilitadoras do desenvolvimento das várias literacias, a aprendizagem da leitura e da escrita, a literacia digital e a literacia para os *media*. Os estudantes que integram o projeto, ao dinamizarem este trabalho, desenvolvem também as suas literacias, para além da sua cidadania ativa. Especificamente em relação aos estudantes de Comunicação Social, tendo em conta a relevância que as questões éticas e de segurança de um meio digital marcado pelas notícias falsas têm no seu percurso académico e futuro profissional, esta oportunidade de participação na equipa do projeto proporciona que desenvolvam a sua própria literacia digital crítica. Foram eles que, por exemplo, planejaram, de forma participada com os idosos, a atividade para a semana dos "7 Dias com os *Media*", iniciativa na qual o projeto participa com regularidade.

Com frequência, estudantes e profissionais de Comunicação Social entrevistam os participantes do projecto para jornais, rádio e televisão. Isto permite que as vozes dos aprendentes adultos negligenciadas possam ser ouvidas e criam uma oportunidade para a defesa dos cidadãos marginalizados (Soeiro & Parreiral, 2018).

2. LITERACIA DIGITAL CRÍTICA

A difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação impõe que os cidadãos adquiram um conjunto de competências para uma participação plena na "Sociedade do Conhecimento", já que a falta dessas competências pode traduzir-se em desvantagens ou em exclusão (Gil, 2015, 2019; Lankshear & Knobel, 2015; Neves, 2018; Neves & Amaro, 2015; Patrício & Osório, 2017; Santos, Azevedo & Pedro, 2016).

Tem-se sentido por parte das instituições nacionais e internacionais uma cada vez maior pressão para a promoção da literacia digital entre as crianças, jovens e adultos em "idade ativa", de modo a permitir-lhes o exercício quotidiano dos seus direitos e deveres cívicos, uma vez que o acesso e utilização de plataformas digitais é cada vez mais a imposição para a resolução de muitos dos seus problemas (Gil, 2019). A este propósito, reafirma-se a necessidade de proporcionar o acesso aos dispositivos digitais no sentido dos cidadãos poderem e deverem participar, mas igualmente importante é a possibilidade de estes desenvolverem competências necessárias para interagir com a informação disponibilizada e acedida, sendo capazes de a questionar, avaliar e validar (Gil, 2019; Lankshear & Knobel, 2015).

De acordo com Gil (2019), os adultos mais velhos constituem o grupo de cidadãos com menor taxa de acesso e utilização da internet e recursos digitais em geral. Atendendo que as estimativas mundiais referem que a população mundial com mais de 80 anos de idade irá duplicar a curto prazo, significa que teremos adultos idosos a viverem durante mais tempo numa situação de “infoexclusão”, o que os limitará na sua ação e no exercício de uma cidadania plena. Situação que, nas palavras de Gil (2019, p. 92), “acarreta consigo uma perda de poder e de uma profunda desigualdade que é urgente reverter”.

Nesse sentido, alertamos para a necessidade de se criarem medidas capazes de diminuir as desigualdades, considerando os mais velhos entre aqueles relativamente aos quais se precisa aumentar a literacia digital. Assim, ser-lhes-ão dadas oportunidades para que desenvolvam capacidades de utilização funcional, se sintam mais confortáveis com as TIC e as adotem, reduzam os anseios e equívocos sobre a internet e se habituem a analisar, descodificar e a posicionarem-se criticamente face ao sistema (Neves & Amaro, 2015).

Os cidadãos, e especificamente os cidadãos idosos, serão convidados a tornarem-se ativos e a agirem e interagirem nas mudanças sociais, superando a condição de “infoexcluídos” a que têm estado “condenados”, tornando-se cidadãos de uma sociedade mais participativa e participada (Gil, 2019). Mas, para isso, e na linha de Lankshear e Knobel (2015), deve-se ter presente que se trata de um processo que deriva do reconhecimento das necessidades, valores e afinidades das pessoas.

Por outro lado, é fundamental refletir sobre as questões éticas, de segurança, privacidade e confiança no meio digital. Segundo Neves (2018, p. 17), “uma literacia digital crítica pode ajudar a ultrapassar potenciais efeitos negativos da utilização de TIC (como questões de privacidade e de proteção pessoal) e contribuir de forma sustentada para a integração de pessoas idosas nesta dimensão digital”.

De acordo com Berger (2018), a desinformação é um problema da sociedade, particularmente perigosa porque é frequentemente organizada, com recursos eficazes e reforçada pela tecnologia. Por isso está no seio das preocupações de académicos, professores, jornalistas, investigadores e do discurso público e leva-nos a reconhecer o papel fundamental que a educação em geral, e especificamente a educação de adultos, deve assumir enquanto “antídoto preventivo” (McDougall, Brites, Couto & Lucas, 2019).

O investimento na educação de adultos idosos pode contribuir para o desenvolvimento da literacia digital crítica que, segundo Neves e Amaro

(2015, p. 214), "pode ajudar as pessoas idosas a tornarem-se mais independentes, participativas e seguras na utilização da internet e por conseguinte mais ativas e incluídas nas sociedades contemporâneas". É este o nosso propósito e que concretizamos com as atividades que descrevemos de seguida.

3. "TECLAS PRÁ VIDA": OFICINAS DE LITERACIA DIGITAL PARA IDOSOS

As oficinas "Teclas Prá Vida", dinamizadas em resposta a solicitações da comunidade, centram-se na promoção da literacia crítica. Nestas oficinas, participam cerca de 100 pessoas adultas organizadas em sete grupos, em diversos territórios da zona centro: Almalaguês, Coimbra, Condeixa (Arrifana, Belide e Casal do Missa). Na sua grande maioria são pessoas reformadas, com idades entre os 50 e os 90. Os grupos são heterogêneos, e, dentro do mesmo grupo, interagem pessoas com distintos níveis de literacia literal e digital, embora globalmente baixos.

Uma das oficinas decorre numa instituição para idosos, nomeadamente integra participantes da estrutura residencial e do centro de dia. Neste contexto, existe curiosidade e motivação para aprender, mas os participantes, na maioria de idade mais avançada, não valorizam a aprendizagem pela perspetiva funcional, mas pela da partilha e da comunicação com pessoas que lhes são queridas e estão fisicamente longe, como filhos, netos e/ou amigos. Alguns destes participantes apresentam algumas dificuldades cognitivas, auditivas e/ou visuais que constituem um desafio exigente para as equipas de dinamização das oficinas.

As restantes oficinas realizam-se em associações, juntas de freguesia, escolas desativadas, ou, aos sábados, numa escola que se encontra em pleno funcionamento. Nestas, participam pessoas adultas com níveis de literacia baixos, mas acima dos níveis de literacia apresentados pelas pessoas institucionalizadas, algumas com algum contacto prévio com as tecnologias, motivado pelas exigências da vida (profissional, social e familiar), mas, em geral, com níveis de literacia digital baixos. Apresentam um maior compromisso com a aprendizagem, pois reconhecem a urgência de adquirir competências de literacia digital para a sua vida e são mais ativos na procura de informação. Do ponto de vista dos seus interesses, ao nível da pesquisa na internet, consultam notícias, serviços públicos, como de emprego, saúde ou finanças, meteorologia e vão ao encontro dos seus gostos: culinária, música, labores... Alguns são assíduos leitores dos jornais locais e regionais em papel, acessíveis gratuitamente nos locais das oficinas

e complementam as suas leituras com a pesquisa de notícias na internet, sobretudo nos canais de notícias a que têm acesso gratuito online.

Nos grupos fechados no Facebook criados no âmbito das oficinas, assim como nos próprios perfis dos participantes na mesma rede social, observamos, com frequência, a partilha de notícias falsas, como por exemplo a morte de famosos, boatos do futebol e rumores políticos, sem se aperceberem da sua falta de verdade. Contribuem assim para propagar conteúdos falsos e alimentam as caixas de comentários aumentando a dimensão do problema, sem que tenham disso consciência. Apesar destas questões serem trabalhadas de forma sistemática nas oficinas, considerou-se urgente e necessário aprofundar e desenvolver estratégias de defesa e combate a esta *epidemia* digital.

4. CONTRIBUTOS PARA A LITERACIA DIGITAL CRÍTICA

A literacia digital crítica foi reforçada durante a semana dedicada à operação nacional "7 Dias com os *Media*" de 2019. Foi promovida a consciencialização dos riscos da internet, das notícias falsas e da utilização adequada das redes sociais nas oficinas "Teclas Prá Vida". Os participantes refletiram sobre as questões éticas, de segurança, privacidade e confiança na internet.

Após visionarem um vídeo da Polícia de Segurança Pública sobre as redes sociais, que alertava para alguns perigos, como a partilha de dados pessoais e a amizade com pessoas desconhecidas, fizeram inúmeras intervenções relativas à privacidade no Facebook. O Sr. Francisco, por exemplo, queria aprender como publicar um conteúdo na rede social visível só para algumas pessoas. Já a D.^a Ilda queria saber como verificar se alguém tinha entrado na conta dela.

Seguiu-se uma explicação sobre algumas regras de identificação de notícias falsas. Posteriormente foram apresentadas três notícias, duas verdadeiras e uma falsa, para ver se os participantes conseguiam distingui-las. Todos os grupos conseguiram identificar a notícia falsa, embora alguns participantes tivessem mais dificuldades do que outros. O grupo de pessoas mais idosas, institucionalizadas e com níveis mais baixos de literacia digital inicialmente considerou as três notícias verdadeiras, não as conseguiram distinguir nem apresentaram estratégias de distinção.

Já os participantes não institucionalizados das outras oficinas conseguiram de forma mais expedita distinguir as notícias verdadeiras da falsa. Começaram o exercício por verificar a origem das notícias, se eram

provenientes de jornais impressos ou digitais, revelando que confiam mais nos jornais em papel. O Sr. Filipe identificou de imediato a fonte de uma das notícias: “essa notícia é da *Visão*, já estive com ela na mão mas não a comprei”. O Sr. Samuel também demonstrou confiar na fonte, considerando que se a notícia tivesse sido publicada por outro jornal nacional, mais sensacionalista, já teria alguma incerteza.

Em relação à notícia falsa, o grupo analisou minuciosamente o seu conteúdo e considerou que os “factos” noticiados não faziam muito sentido, nem eram relevantes. Mas o aspecto que chamou mais a atenção dos participantes foi o de nunca terem lido ou ouvido a notícia em nenhum outro órgão de informação. O Sr. Samuel considerou logo a notícia falsa porque nunca a tinha lido nos jornais: “é a primeira vez que estou a ler esta notícia”. Apesar de as notícias falsas serem normalmente muito populares, com elevados números de visualizações e partilhas, no caso da notícia apresentada os participantes observaram que a narrativa não tinha grande disseminação: “a dimensão que tem a notícia... é estranho não ter sido partilhada por mais gente”, concluiu o Sr. Samuel.

Este exercício veio confirmar o que fomos verificando ao longo das oficinas: os participantes confiam mais nos meios de comunicação tradicionais do que nos digitais. Acreditam na informação veiculada pelos jornais impressos, sobretudo os regionais, que são os que mais consomem, no que ouvem na rádio ou vêem na televisão. Estes resultados vão ao encontro dos dados do relatório da consulta pública sobre *fake news* e desinformação online (European Commission, 2018), no qual se afirma que pessoas com idade acima dos 50 anos usam menos as redes sociais para se informarem do que a geração mais jovem e utilizam mais os jornais impressos, a televisão e a rádio como meios de informação.

Embora tenham inseguranças nas leituras online, o nível de confiança varia consoante as diferentes fontes de informação. Confiam mais nas publicações online dos jornais que têm a edição em papel e menos nas publicações dos jornais exclusivamente digitais. O nível de confiança diminui quando estão perante publicações divulgadas pelas redes sociais.

Constatamos ainda que a maioria dos participantes compreendeu e assimilou os critérios de identificação de uma notícia falsa. Já têm especial cuidado com a verificação das fontes de informação e com o conteúdo das notícias apresentadas. Contudo, ainda demonstram algumas dificuldades em compreender com que intenção ou objectivos as notícias falsas são difundidas.

Apesar de terem realizado a atividade com muito agrado e terem ficado muito satisfeitos por conseguirem com sucesso distinguir a informação, a temática das “notícias falsas” não os preocupa muito. A maioria dos participantes não está consciente de como a desinformação poderá afectar as suas vidas e as suas decisões cívicas e democráticas. Estão mais preocupados com as questões digitais que têm influência directa e imediata no seu quotidiano, como por exemplo as questões da privacidade nas redes sociais ou as burlas informáticas. Estas preocupações resultam do uso que os participantes fazem do meio digital, numa perspectiva mais utilitária. Utilizam a rede mais para o contacto com os familiares, para pesquisas e utilização das redes sociais, do que como fonte de informação.

As pessoas idosas querem e devem estar incluídas no mundo digital. Quer do ponto de vista individual, como enquanto sociedade, são agentes promotores da verdade e dos benefícios no uso das ferramentas digitais.

5. CONCLUSÃO

O mundo digital é também o mundo dos idosos, é de todas/os. O presente e o futuro que as tecnologias nos oferecem e nos permitem sonhar é também dos mais velhos. Eles não são meros observadores de uma sociedade em inovação frenética mas são co-construtores desta realidade. Por isso, tomamos a liberdade de adaptar a ideia de Sydney Harris (1985) de que a educação transforma espelhos em janelas, para afirmar que a educação, neste caso, de adultos mais velhos deve transformar as *janelas* em realidades inclusivas. Repudiamos a imagem do “velhinho à janela”, parado, a observar o presente e o futuro a ser construído, e contribuímos para que as pessoas mais velhas construam a paisagem, no presente e para o futuro.

REFERÊNCIAS

- Berger, G. (2018). Foreword. In C. Ireton C. & J. Posetti (Eds.), *Journalism, 'Fake News' & Disinformation – Handbook for Journalism Education and Training* (pp. 7-13). Paris: UNESCO. Retirado de <https://en.unesco.org/fightfakenews>
- Brites, M. J. & Jorge, A. (2017). *Digital literacy and education – Report by country: Portugal*. Retirado de https://www.is1401eln.eu/fotos/editor2/imagens/pt_report.pdf

- European Commission. (2018). *Synopsis Report of the Public Consultation on Fake News and Online Disinformation*. Retirado de <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/synopsis-report-public-consultation-fake-news-and-online-disinformation>
- Gil, H. (2015). A inclusão digital como “passaporte” para uma mais adequada inclusão social dos cidadãos mais idosos. In A. Pasqualotti; G. Henrique & A. Fausto (Orgs.), *Tecnologias de informação no processo de envelhecimento humano*. (pp. 14-34). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo Editora. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.11/3145>
- Gil, H. (2019). A literacia digital e as competências digitais para a infoinclusão: por uma inclusão digital e social dos mais idosos. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, 2(1), 79-96. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.11/6490>
- Harris, S. (1985). *Pieces of Eight Pa*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Lankshear, C. & Knobel, M. (2015). Digital Literacy and Digital Literacies: Policy, Pedagogy and Research Considerations for Education. *Nordic Journal of Digital Literacy*, 10(Jubileumsnummer), 8-20. Retirado de <https://www.researchgate.net/publication/284918725>
- McDougall, J., Brites, M. J., Couto, M. J. & Lucas, C. (2019). Digital literacy, Fake News and Education / Alfabetización digital, fake news y educación. *Cultura y Educación*, 31(2), 203-212. Retirado de <https://doi.org/10.1080/11356405.2019.1603632>
- Neves, B. (2018). Pessoas idosas e tecnologias de informação e comunicação: inclusão digital como forma de inclusão social. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 15(1), 8-20. Retirado de <https://doi.org/10.5335/rbceh.v15i1.8787>
- Neves, B. & Amaro, F. (2015). A utilização da Internet pelas pessoas idosas: uma perspetiva crítica. In A. Pasqualotti; G. Henrique & A. Fausto (Orgs.), *Tecnologias de informação no processo de envelhecimento humano*. (pp. 193-220), Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo Editora. Retirado de https://www.researchgate.net/publication/299535275_A_utilizacao_da_internet_pelas_pessoas_idosas_-_uma_perspectiva_critica_Full_text
- OECD. (2018). *Skills Strategy Implementation Guidance for Portugal: Strengthening the Adult-Learning System*. Retirado de https://www.oecd-ilibrary.org/education/skills-strategy-implementation-guidance-for-portugal_9789264298705-en
- Patrício, M. R. & Osório, A. (2017). Literacia digital intergeracional: desafios e oportunidades para a educação ao longo da vida. *Eduser - Revista de educação*, 9(1), 1-12. Retirado de <http://hdl.handle.net/10198/14755>

- Petrella, S., Pinto, M. & Pereira, S. (2014). O idoso e a Educação para os *Media*. Novos desafios entre envelhecimento e exclusão social. In M. L. Martins & J. Veríssimo (Orgs.), *Comunicação Global, Cultura e Tecnologia – Livro de Atas 8º Congresso SOPCOM* (pp. 150-155). Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29756>
- Santos, R., Azevedo, J. & Pedro, L. (2016). Literacia(s) digital(ais): definições, perspetivas e desafios. *Media & Jornalismo*, 15(27), 7-44. Retirado de https://doi.org/10.14195/2183-5462_27_1
- Soeiro, D. & Parreiral, S. (2018, 06 de agosto). *Case Study Letters for Life, Portugal*. UNESCO Institute for Lifelong Learning. Retirado de <http://uil.unesco.org/case-study/effective-practices-database-litbase-o/letters-life-portugal>

Citação:

Patrão, C., Soeiro, D. & Parreiral, S. (2019). "Teclas Prá Vida": a transformar janelas em realidades inclusivas. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 302-311). Braga: CECS.